

## A CRISE E O FUTURO

por Mário Soares

Nos últimos vinte anos a Humanidade assistiu atónita a duas implosões político-sociais e económicas: a do universo soviético (1989-91); e a do capitalismo financeiro-especulativo neo-literal, que deu origem à crise global em que estamos ainda mergulhados, desde 2007. As duas implosões foram pacíficas e, curiosamente, puseram em causa os fundamentos dos sistemas que não só foram rivais como dividiram o Mundo no século passado. E ainda, de algum modo, dividem...

O comunismo foi um ideal utópico que mesmo no séc. XIX galvanizou muitos milhões de seres humanos, tendo sido uma referência, um mito - e uma esperança - para todos quantos, desinteressadamente, morreram por ele. Mas também um colossal embuste, que atirou para os Goulags (campos de concentração) milhões de opositores - ou, muitas vezes, nem isso - com total desprezo pelos Direitos Humanos, a Justiça e a Liberdade, das pessoas, sem trazer a tão apregoada igualdade... Transformou os cidadãos em súbditos e funcionários obedientes.

Foi um "aparatchik", vindo das fileiras do PCUS, que chegou a Secretário Geral e teve a coragem de destruir, quase sozinho, o sistema pelo interior: Mikhail Gorbachev, que governou a URSS, escassos anos, e foi um dos políticos mais relevantes do século XX, onde avultam grandes figuras lendárias, como: Roosevelt, Churchill, De Gaulle, Gandhi, Tito, Nasser, Willy Brandt, Mitterrand, Luther King, Nelson Mandela, entre outros... E, contudo, Gorbachev nunca foi bem compreendido pelo Povo russo!

A segunda implosão deu-se cerca de vinte anos depois e foi, até agora, igualmente pacífica, quando o capitalismo financeiro-especulativo de tipo neo-liberal, que parecia triunfante, deu origem à pior crise financeira e económica global que aflige hoje o Mundo inteiro e só é comparável à grande crise de 1929.

Como se sabe, o epicentro da crise teve lugar na América e está ligado aos dois mandatos desastrosos de Bush. Teve a ver com a estratégia que Bush desenvolveu contra o terrorismo, após o 11 de Setembro de 2001, e às duas guerras que desencadeou no Afeganistão, com a infeliz cobertura da NATO, e no Iraque, contra um ditador, dos poucos que lhe caiu em desagrado, Saddam Hussein, sob pretextos falsos: a existência de armas nucleares que poriam em risco a segurança da América...

A crise não é, contudo, somente financeira e económica é, também, política, social e ambiental. E apesar de alguns sinais de melhoria, provocados pelas injeções de dinheiro dos Estados - isto é, dos contribuintes - investidos nos bancos e grandes empresas, em via de falência, não está ainda, infelizmente, superada. Antes pelo contrário. Que o digam alguns prémios Nobel da Economia, como Joseph Stiglitz e Paul Krugman ou o grande economista francês Daniel Cohen, autor de um livro cujo título é bem elucidativo: "La Prosperité du Vice"... E melhor do que eles, o desemprego a crescer exponencialmente, os deficits dos Estados a aumentar e a rarefacção dos créditos.

O Presidente Obama, que ganhou as eleições presidenciais, em pleno desastre financeiro-económico dos Estados Unidos - que deixou o País sem norte - conseguiu mobilizar a maioria do eleitorado americano, anunciando um novo paradigma humanista e solidário. Ou seja: novas políticas, no plano interno e externo. O seu slogan - vindo da boca de um afro-americano, candidato à Casa Branca - "yes we can", fez crer aos americanos que era possível vencer a crise. Enorme responsabilidade!

Os europeus, pelo contrário, estão sem norte. Ninguém sabe para onde caminha a União Europeia. O Tratado de Lisboa, desestabilizado pela própria crise, apesar de representar um passo em frente institucional, parece arriscado prever se será ou não ratificado pela Irlanda. Cada vez há maior número de cépticos. Entretanto, reconstitui-se de facto - não de jure - um directório dos países mais fortes: Alemanha, França e Reino Unido. São eles - e só eles - que tomam as grandes decisões. Acresce que as lideranças europeias são particularmente medíocres como o "Courrier International" escreve, reproduzindo um artigo do Die Spiegel, na edição em português deste mês. Todo o mundo político europeu tem consciência que assim é.

E então? Tenhamos confiança e não nos deixemos abater. A crise vai libertar novas energias. O mercado não está morto. Pelo contrário: desde que sujeito a regras éticas e políticas. A globalização, a

mesma coisa. Só precisa - tarefa difícil - de maior regulação. Novas energias e novas gerações aparecerão. É preciso regulamentar e supervisionar os mecanismos do mercado. Reforçar os Estados de Direito. E reformular o socialismo democrático - que em muitos casos se deixou "colonizar" pelo neo-liberalismo - dignificando o trabalho, aprofundando as políticas sociais e lutando a sério em defesa do Planeta, ameaçado, e pela solidariedade entre os humanos, sem exclusões.

Setembro de 2009